

Sarney explica opção social em agosto pela TV

Brasília — Na primeira quinzena de agosto o Presidente José Sarney voltará à televisão para novo pronunciamento à nação, no qual detalhará aquele que considera o mais importante dos cinco pontos que integram o "grande acordo nacional" que propôs na segunda-feira passada: "opção social". O núcleo desse discurso será o combate à fome.

Cerca de 40 agências de publicidade começaram a ser consultadas pelo Assessor Especial para Assuntos de Comunicação, Luís Gutemberg, sobre a melhor maneira de divulgar os cinco pontos do discurso que, segundo o porta-voz Fernando César, Sarney considera "as marcas registradas do seu Governo".

Assessor do Presidente esclareceu que no próximo discurso ele deixará o doutrinário — assunto tratado na segunda-feira — e falará sobre a parte programática de seus planos na área social. "Cuidará da ação definitiva, mas não estará em causa o varejinho e sim o varejão", disse ele. Sarney mostrará, então, de que forma, sob sua administração, o Estado deixará o espaço econômico em favor da iniciativa privada, e assumirá suas atribuições como promotor de infra-estrutura.

O pronunciamento sobre a opção social, com ênfase sobre as medidas temadas para combater a fome, será seguido de quatro outros, detalhando os capítulos referentes à liberdade, desenvolvimento, identidade cultural e soberania e independência. No futuro, para reforçar as idéias e compromissos do Presidente, uma campanha institucional irá explorar os temas dos discursos.

Fernando Cesar informou que o objetivo da campanha não será a promoção, mas o esclarecimento da população, pois uma pesquisa da Denison Propaganda demonstrou que algumas informações transmitidas pelo Presidente não foram assimiladas. Ele citou como exemplo os dados referentes à alimentação.

— O Presidente disse que o número de crianças a serem beneficiadas pela merenda escolar chegará a 31 milhões ao final de seu Governo. Disse também que passará de 4 milhões para 20 milhões o número de gestantes e crianças de até 3 anos que receberão suplementação alimentar. Mas esses números e compromissos não foram fixados.

Segundo outro assessor de Sarney, o Presidente explicitará não só as prioridades como o deslocamento dos recursos. Lembrará a destinação de 15 trilhões este ano para a área social e ratificará seu compromisso de dobrar essa verba no ano que vem. Com isso, pretende responder as críticas de que foi muito genérico em seu discurso da segunda-feira e colocar-se à disposição das cobranças da sociedade.

Em um dia, telegramas de apoio chegam a 250

Brasília — Vinte e quatro horas após seu pronunciamento à Nação, na noite de segunda-feira, o Presidente José Sarney já recebeu 250 telegramas de entidades, políticos, autoridades e pessoas comuns, em sua maioria cumprimentando o Presidente. Leonel Brizola, do Rio, foi o único Governador a telegrafar.

O paulista José Wenceslau Schreiber, criticou Sarney, alegando que o povo não entendeu suas palavras. O goiano Vivaldo Siqueira, elogiou e aproveitou para pedir um emprego. O pernambucano, Carlos Marinho, de Olinda, pediu desculpas por haver desconfiado antes das intenções do Presidente. O desenhistas Maurício de Souza enviou votos de sucesso e confiança, "em nome da Mônica, do Cebolinha, Cascão, Chico Bento, Horácio e do cachorrinho Bidu", personagens de suas histórias em quadrinhos.

Brizola passou "sinceros cumprimentos pela exposição franca e leal ao povo brasileiro, demonstrando propósitos de encarar com equilíbrio e firmeza os grandes impasses da vida nacional". O jurista Afonso Arinos também cumprimentou "o velho amigo por suas belas palavras que restituem à Nação sentimentos de energia e esperança". Héber Maranhão, presidente do Movimento Nacional Nordestino, agradeceu ao Presidente por "fazer-nos voltar a ter fé" e disse confiar em suas palavras e atos.

Carlos Marinho, de Olinda, foi dramático ao falar de Sarney, "homem no qual eu não acreditava, hoje meu Presidente muito amado. Aceite minhas escusas e meu remorso por um julgamento precipitado. Meu mais sincero respeito pela sua coragem e pelo novo alento que nos vem dando. Votaria em você para Presidente da República", prometeu.

Jamil Cury Miziara, que foi soldado da revolução constitucionalista de 32, apresentou-se como "o primeiro soldado ao lado de Vossa Excelência, com os meus 73 anos que voltaram a ser, com esse pronunciamento, os 20 anos de outrora". Miziara disse considerar Sarney "o maior brasileiro vivo". Não só os adultos mandaram mensagens. Guilherme Soares Barros, de 12 anos agradeceu o "discurso dizendo tudo que o Brasil passou".

Presidente satisfaz curiosidade de Revel

Brasília — O Presidente José Sarney afirmou que, embora a decisão política de seu Governo seja privatizar, a iniciativa particular ainda não tem condições de receber todos os encargos do processo de desestatização da economia.

Sarney respondeu desta maneira à curiosidade do jornalista e escritor francês Jean-François Revel, que está em visita a Brasília. "Estamos vivendo momentos de transição", explicou o Presidente, "e os dois lados estão se namorando."

Considerado um apóstolo da iniciativa privada, num país administrado em sua maior parte por planejadores estatais, Revel, editorialista do *Le Point* e autor de livros como *Nem Marx nem Jesus*, elogiou a calma e otimismo com que Sarney está enfrentando os problemas mais graves do país. Fez perguntas sobre agropecuária, reforma agrária e Constituinte, que, segundo Sarney, será "um retrato da sociedade brasileira".

Para Revel, o momento de democratização não é específico do Brasil. "Em toda a América Latina há uma tendência para a democratização, com exceção de Paraguai e Chile", disse. Ele está impressionado com a maneira "cordial" com que o processo brasileiro se desenvolve, sem traumas ou violência.

— Isto reforça minha convicção de que, quando se dá ao povo condições de votar, o povo vota em partidos comprometidos com o entendimento e a moderação — disse o escritor.

Ele acha possível que a crise econômica pode interferir nesse processo, como ocorreu na Alemanha e Itália antes do fascismo. Mas a situação na América Latina, segundo Revel, é diferente, porque os países que estão se democratizando já tiveram a experiência do totalitarismo.